



OS DISPAROS DE GILBERTO AMADO CONTRA O POETA ANNIBAL TEOPHILO EM 1915 E O ÁRDUO PERCURSO PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DO TRABALHO DE ESCRITOR NO BRASIL

Marcelo de Araujo*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

marcelo.araujo@pq.cnpq.br

RESUMO: Em 1915 o poeta Annibal Theophilo foi morto a tiros pelo então deputado federal Gilberto Amado. O crime ocorreu na cidade do Rio de Janeiro ao final de um evento literário promovido pela recém-fundada Sociedade Brasileira dos Homens de Letras. O poeta Olavo Bilac era o presidente de honra da associação. O objetivo da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras era promover a profissionalização do ofício de escritor no Brasil. O presente artigo reconstrói as circunstâncias do crime de 1915 tendo principalmente em vista os diversos relatos publicados em jornais e revistas da época. O artigo procura também mostrar que apenas em 2015, cem anos após a morte de Annibal Theophilo, os objetivos da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras foram plenamente assegurados no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Annibal Theophilo – Gilberto Amado – literatura brasileira – memória – liberdade de expressão

THE BULLETS SHOT BY GILBERTO AMADO AGAINST THE POET ANNIBAL TEOPHILO IN 1915 AND THE HARD PATH TOWARDS THE PROFESSIONALIZATION OF THE WORK OF WRITERS IN BRAZIL

ABSTRACT: In 1915 the Brazilian poet Annibal Theophilo was mortally wounded by Gilberto Amado, a Brazilian congressman. The crime occurred in the city of Rio de Janeiro after a literary gathering that had been organized by the recently founded Brazilian Society of Men of Letters. The poet Olavo Bilac was the honorary president of that association. The main objective of the Brazilian Society of Men of Letters was to advance the professionalization of writers in Brazil. This paper aims at a reconstruction of the crime of 1915 from a variety of accounts published in newspapers and magazines at that time. The paper also proposes that it was not until 2015, one hundred years after the death of Annibal Theophilo, that the goals pursued by the Brazilian Society of Men of Letters have been fully achieved.

* Doutor em Filosofia pela Universidade de Konstanz, Alemanha. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (departamento de Filosofia), e professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (departamento de Direito). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa). Ex-bolsista do DAAD (Deutscher akademischer Austauschdienst), e da Alexander von Humboldt Foundation.

KEYWORDS: Annibal Theophilo – Gilberto Amado – Brazilian literature – memoir – freedom of speech

INTRODUÇÃO

“Aquele crime ficou ignorado longos anos, e, quando se espalhou a notícia, nem o criminoso vivia mais, e todas as testemunhas que possivelmente estariam em condições de esclarecer alguma coisa tinham morrido.”
Carlos Drummond de Andrade, *Jornal do Brasil*, 18 de setembro de 1979.

Em 1915 a Primeira Guerra Mundial já seguia a pleno curso na Europa. Mas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, ocorriam outras batalhas. Os “homens de letras” da capital pegavam em armas, se envolviam em brigas, desavenças literárias, e até assassinatos. Alguns conflitos foram amplamente cobertos pela imprensa e dividiram a opinião pública. O assassinato de Euclides da Cunha é bem conhecido, e até inspirou um seriado de TV. Mas o conflito que resultou na morte do poeta gaúcho Annibal Theophilo é bem menos discutido. O crime completou cem anos em junho de 2015.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DOS HOMENS DE LETRAS

No início do século XX Pereira Passos, então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, promoveu um amplo programa de reformas urbanas. Seu objetivo era fazer do Rio de Janeiro uma metrópole à altura das grandes cidades europeias, especialmente Paris. Ao desembarcar no porto da Praça Mauá nessa época o viajante encontrava à sua frente um enorme *boulevard* construído em estilo francês: a Avenida Rio Branco. Quando foi inaugurada em 1905, sob gritos de *vive la France!* e ainda com o nome de Avenida Central, a Avenida Rio Branco era mais do que a realização de um projeto urbanístico. Ela era a concretização de um ideal de civilização. E isso, para o governo da época, significava: fachadas em diversos estilos arquitetônicos, lampiões ricamente ornamentados para a iluminação do passeio público, canteiros arborizados, calçamento em pedras trabalhadas, e lojas com as últimas novidades da moda parisiense.¹ A

¹ KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei, 2005, p. 83-84.

Avenida Rio Branco, que ganhou seu nome atual em 1912 após a morte do Visconde de Rio Branco, era a principal artéria da *belle époque* carioca. Para lá se dirigiam políticos, escritores, poetas e artistas nos finais de semana. Um cenário ideal para promoção de eventos literários.

Preocupados com a inexistência de leis para a proteção de direitos autorais, um grupo de escritores, jornalistas e poetas fundou no Rio de Janeiro, em junho de 1914, a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras. O objetivo da associação, segundo Raimundo Magalhães, não era o de competir com a Academia Brasileira de Letras, mas de criar um espaço mais informal para o encontro de indivíduos que viviam da produção de textos.² As primeiras reuniões do grupo ocorreram em uma sala na Avenida Rio Branco.³ Mais tarde a associação ganhou uma sede própria na Rua Gonçalves Dias. À frente do projeto figurava um nome reverenciado no meio literário da época, e ainda hoje importante para a literatura brasileira: Olavo Bilac.⁴

Os escritores desse período, como Bastos Tigre nota em suas memórias, podiam até desfrutar de algum prestígio social, mas não eram reconhecidos como profissionais: “Jornais e revistas não remuneravam a colaboração literária. Os editores faziam favor em publicar livros, dando alguns exemplares de presente ao autor. E nada mais”.⁵ A criação da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras foi uma importante iniciativa para a profissionalização dos “homens de letras” no Brasil. Apesar do nome, algumas mulheres também se juntaram ao grupo, como por exemplo Albertina Bertha, romancista e pioneira nos estudos sobre o filósofo Friedrich Nietzsche no Brasil.⁶ Outra mulher que se filiou ao grupo foi a jurista Myrthes de Campos, primeira advogada

² MAGALHÃES, Raimundo Júnior. Uma festa que acaba mal. In **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p. 356. Ver também TIGRE, Bastos. *Reminiscências: A alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 52 ss.

³ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 18 de junho de 1914, p. 4. Os jornais da primeira metade do século XX mencionados no presente artigo foram consultados a partir da base digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, disponível online no seguinte endereço: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

⁴ EDMUNDO, Luiz. A S. B. H. L. **De um livro de memórias**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, vol. 2, p. 619.

⁵ TIGRE, Bastos. **Reminiscências: A alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente**. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 53.

⁶ A **Revista Careta** (Rio de Janeiro), em sua edição n. 319 de 1914, p. 14, anuncia a quinta de uma série de conferências sobre Nietzsche proferidas pela “grande escriptora moderna” Albertina Bertha. Na mesma página há também uma referência à fundação da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras. Cf. ANNA, Faedrich Martins. A participação de Albertina Bertha no mundo da cultura. In **Ciências & Letras** (Porto Alegre), vol. 54, 2013, p. 25-39.

brasileira.⁷ A associação contava ainda com a participação de Annibal Teophilo, Coelho Neto, Bastos Tigre entre outros intelectuais da época. Oscar Lopes era o presidente da sociedade, cabendo a Olavo Bilac o papel de presidente honorário. A sede em São Paulo tinha entre seus membros Oswald de Andrade e Amadeu Amaral.⁸

Em julho de 1914 os membros da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras aprovaram o estatuto que estabelecia as diretrizes da associação. Em 27 de junho de 1914, alguns dias antes da votação do estatuto, a revista *Careta* destacava a “revolução” que estava prestes a ocorrer no meio editorial brasileiro: “Se, como se espera, tais estatutos forem aprovados, começará a operar-se em benefício dos autores e do público, sem prejuízo dos editores honestos, uma revolução no comércio de livros no Brasil.”⁹ A mesma revista enfatiza também que não se tratava de imitar a “congênere francesa”, pois a associação brasileira teria de “funcionar num meio social cujas características, em matéria de literatura, não se assemelham às do meio francês.”¹⁰

As características do “meio social” em que se moviam escritores brasileiros e franceses eram, de fato, bastante diferentes: faltavam aos brasileiros os recursos materiais, decorrentes do reconhecimento profissional, que a cultura literária europeia já assegurava aos autores estrangeiros admirados no Brasil. Por isso, o segundo artigo do estatuto da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras já deixava claro quais eram os objetivos do grupo: “a defesa direta dos seus interesses profissionais, econômicos, morais, e sociais”.¹¹ Na expectativa então de levantar fundos para a associação, Olavo Bilac e outros escritores, a partir de 1915, resolveram pôr em prática duas alíneas do terceiro artigo do estatuto: “b. realizar cursos, congressos, conferências, e festas de arte” e “c. cooperar para o definitivo estabelecimento do Theatro Municipal”, que na era época administrado por Annibal Theophilo.¹²

⁷ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 18 de junho de 1914, p. 4. Cf. VIDAL, Barros. Myrthes de Campos: A primeira advogada do Brasil. In **Revista da Semana** (Rio de Janeiro), 21 de outubro de 1939, p. 23 e 26.

⁸ **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915, p. 5.

⁹ **Careta** (Rio de Janeiro), 27 de junho 1914, p. 12.

¹⁰ *Ibid.*, p. 12.

¹¹ **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915, p. 5. Cf. **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 19 de maio de 1915, p. 6.

¹² **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915, p. 5. Cf. TIGRE, Bastos. *Reminiscências: A alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 55; MAGALHÃES, Raimundo. *Uma festa que acaba mal*. In **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p. 358.

Surgiram assim planos para um recital no salão nobre do Jornal do Commercio, e para a montagem de uma peça no Teatro Municipal, a ser encenada pelos próprios escritores. A peça escolhida foi *Os Deuses de Casaca*, de Machado de Assis.¹³ O sarau no Jornal do Commercio foi batizado de *Hora Literária*. A peça de Machado de Assis não chegou a ser encenada, mas a *Hora Literária*, sim, permaneceu por alguns anos vívida na memória nacional: ao final do recital o deputado federal Gilberto Amado matou a tiros, pelas costas¹⁴, o poeta a Annibal Teophilo. O poeta morreu logo em seguida, com uma bala alojada na nuca. A Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, apesar dos esforços de Olavo Bilac, acabou morrendo no mesmo ano também.¹⁵ O jornal *Correio da Manhã*, dois dias depois do incidente, reproduziu um soneto que Annibal Theophilo recitara no evento, pouco antes de morrer. Dois versos pareciam resumir a situação do próprio poeta e da associação que ele ajudara a criar: “Nubla-se o olhar, queda-se immoto [*sic*], o lábio mudo, Vem a impressão de que começa o fim de tudo.”¹⁶

Era sábado, 19 de junho de 1915, cerca de seis da tarde. O “fim de tudo” viria logo em seguida. Annibal Theophilo, então com 42 anos, era o autor de *Rimas*, livro de poesias de 1911. Gilberto Amado, com 28 anos, fora nomeado deputado federal pelo estado de Sergipe no mês anterior. Ambos participavam da *Hora Literária*. O primeiro, como orador; o segundo, sentado na plateia.¹⁷

ANNIBAL THEOPHILO E GILBERTO AMADO

¹³ EDMUNDO, Luiz. A S. B. H. L. **De um livro de memórias**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, vol. 2, p. 621-622. Sobre *Os Deuses de Casaca* (1865), de Machado de Assis, ver por exemplo ARAUJO, Marcelo de. **Dom Pedro II e a moda masculina na época vitoriana**. São Paulo: Estação das Letras, 2012, p. 30-31.

¹⁴ **Careta** (Rio de Janeiro), 17 de julho de 1915, p. 9. Cf. **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro), 21 de junho de 1916, primeira página.

¹⁵ **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915. Cf. O **Diário da Noite**, 22 de fevereiro de 1941, p.4; TIGRE, Bastos. **Reminiscências**: A alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 55; EDMUNDO, Luiz. A S. B. H. L. **De um livro de memórias**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, vol. 2, p. 622-623.

¹⁶ **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro), 21 de junho de 1915, p. 4. Cf. **Jornal das Moças** (Rio de Janeiro), 15 de julho de 1915, p. 5.

¹⁷ A revista **Careta** (Rio de Janeiro), em sua edição de 26 de junho de 1915, p. 8, mostra uma foto da apresentação da *Hora Literária* com uma seta destacando a posição que Gilberto Amado ocupava na plateia (**imagem 1**).

Ao deixarem o salão nobre do Jornal do Commercio, no quinto andar de um prédio na Avenida Rio Branco, esquina com a Rua do Ouvidor, os escritores posaram para fotos e seguiram depois para o saguão dos elevadores.¹⁸ Gilberto Amado tinha assistido ao evento em companhia de seu amigo Paulo Hasslocher. Mas nem um nem outro eram membros da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, como Olavo Bilac fez questão de enfatizar mais tarde. Ainda no quinto andar, enquanto os dois esperavam o elevador, Annibal Theophilo cumprimentou as pessoas. Gilberto Amado, ao lado da esposa e de Paulo Hasslocher, retribui o cumprimento. É nesse momento que Annibal Theophilo dispara a frase que depois foi reproduzida em vários jornais: “Eu não o cumprimentei, e sim a uma senhora, porque a você eu não cumprimento.”¹⁹

Gilberto Amado, aparentemente, preferiu ignorar o insulto. Logo depois, já no saguão dos elevadores localizado no térreo, Paulo Hasslocher se dirige ao poeta e os dois começam uma discussão com frases que foram reproduzidas por testemunhas e publicadas na imprensa: Paulo Hasslocher: “O senhor tentou desfeitear o meu amigo!” Annibal Theophilo: “Não tentei desfeitear, desfeiteei-o.”²⁰

A discussão entre Paulo Hasslocher e Annibal Theophilo logo escalou para a luta corporal. Ouviram-se então três tiros de pistola, um dos quais atingiu Annibal Theophilo.²¹ Na confusão, segundo testemunhas, Gilberto Amado guardou a arma e tentou deixar o local. Mas foi detido por um policial, e identificado como o autor dos disparos. Gilberto Amado resistiu à prisão alegando ser deputado. Contudo, como se tratava de um flagrante, ele foi preso e conduzido à delegacia.²²

As circunstâncias que precedem o conflito entre Gilberto Amado e Annibal Theophilo é envolta em controversas. O primeiro alegou em sua defesa que o poeta já o

¹⁸ A revista **Revista Fon Fon** (Rio de Janeiro), em sua edição de 26 de julho de 1915, p. 20, mostra uma foto dos escritores reunidos após a apresentação da Hora Literária. Annibal Theophilo é destacado na foto com o número 15. A foto foi tirada momentos antes da morte do escritor (**imagem 2**).

¹⁹ **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro), 20 de junho de 1915, p. 3.

²⁰ **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro), 21 de junho 1915, p. 3. Cf. **Careta** (Rio de Janeiro), 17 de julho de 1915, p. 8-9; **Época** (Rio de Janeiro), 20 de junho de 1915, primeira página; **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 20 de junho de 1915, p. 5.

²¹ **A Revista Fon Fon** (Rio de Janeiro), em sua edição de 26 de julho de 1915, p. 22, mostra uma foto da entrada do prédio do Jornal do Commercio e o local exato em que Annibal Theophilo tombou após os disparos de Gilberto Amado (**imagem 3**). O antigo prédio do Jornal do Commercio não existe mais.

²² **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 20 de junho de 1915, p. 5. Cf. **O Paiz** (Rio de Janeiro), 20 de junho de 1915, primeira página; **O Paiz** (Rio de Janeiro), 21 de junho de 1915, p. 4.

havia humilhado e ameaçado em várias ocasiões.²³ Mas outras pessoas, incluindo Olavo Bilac, confirmaram apenas que Annibal Theophilo, por conta de divergências literárias, não falava com Gilberto Amado. Mas negaram que o poeta houvesse insultado ou ameaçado Gilberto Amado antes. O depoimento que Olavo Bilac prestou no “Juízo da 1ª Pretoria Criminal”, reproduzido pelo jornal *O Paiz*, afirma o seguinte:

Depôs em seguida Olavo Bilac.

Não é amigo nem inimigo do acusado, mas era amigo particular da vítima, razão por que o juiz não lhe deferiu juramento, sendo ouvido somente como informante.

Não assistiu [a]o fato descrito na denúncia, mas mantém inteiramente tudo quanto declarou na polícia, e repete que várias vezes, estando em companhia da vítima, teve ocasião de se encontrar com o acusado, com quem trocava cumprimentos, sem que partisse de Theophilo qualquer ato ou palavra de desfeita ao acusado.

Esteve na festa realizada no Jornal do Commercio, no dia do crime e que durou talvez hora e meia, sempre ao lado da vítima, que na ocasião se mostrara sempre satisfeito, sem demonstrar qualquer preocupação alheia à mesma festa.²⁴

Em 1914 Gilberto Amado já havia reagido com tiros a uma disputa literária. Lindolfo Collor, que viria a se tornar mais tarde avô do ex-presidente Fernando Collor de Mello, interpelou Gilberto Amado na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Collor publicara um livro de poemas criticado por Gilberto Amado, mas elogiado por Olavo Bilac e Coelho Neto.²⁵ Durante a discussão Gilberto Amado sacou sua pistola e disparou contra o poeta, sem no entanto atingi-lo.²⁶ A partir daquele dia, segundo relatos da época, Lindolfo Collor teria desistido da carreira literária e preferiu entrar para política.²⁷

Curiosamente, o terceiro artigo do estatuto da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, antecipando possíveis desavenças literárias entre os membros, havia

²³ Cf. por exemplo EDMUNDO, Luiz. A S. B. H. L. **De um livro de memórias**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, vol. 2, p. 622-623.

²⁴ **O Paiz** (Rio de Janeiro), 6 de julho de 1915, p. 4.

²⁵ Cf. verbete “Collor, Lindolfo”, em **Dicionário Histórico-Biográfico**, publicado pelo CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>. Cf. também MAGALHÃES, Raimundo Júnior. Dias de Turbulência. In **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, 236.

²⁶ **Careta** (Rio de Janeiro), 10 de julho de 1915, p. 8-9. Cf. **Careta** (Rio de Janeiro), 1 de janeiro de 1916, p. 22; **O Paiz** (Rio de Janeiro), 26 de junho de 1918, p. 5.

²⁷ Cf. verbete “Collor, Lindolfo”, em **Dicionário Histórico-Biográfico**, publicado pelo CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>.

resolvido: “e. instituir árbitros para solução de litígios entre sócios ou grupo de sócios, quer sejam oriundos de pendências literárias ou artísticas, quer de foro íntimo.”²⁸ No entanto, parece não ter ocorrido aos literatos que precisariam de força policial e bons advogados para implementar essa alínea do estatuto.

Gilberto Amado permaneceu preso por um ano, e foi a julgamento em 28 de junho de 1916. Seu advogado, Evaristo de Moraes, já havia se notabilizado nos tribunais do Distrito Federal ao garantir a absolvição de Dilermando de Assis, autor dos disparos que matou Euclides da Cunha em 15 de agosto de 1909, no bairro de Piedade no Rio de Janeiro.²⁹ A promotoria pediu pena máxima para Gilberto Amado: trinta anos de prisão.³⁰ Apesar disso, Gilberto Amado foi absolvido pelo tribunal de júri com quatro votos contra três.³¹

O principal argumento da defesa foi a alegação de que Gilberto Amado, sendo uma pessoa “emotiva”, agira sob “privação de sentidos”. O quarto parágrafo do artigo 24 do Código Penal vigente na época eximia de culpa “os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia no acto de commetter o crime”.³² Evaristo de Moraes alegou também que Gilberto Amado fora vítima de “linchamento moral” e “pelourinho moral”, promovidos pela imprensa.³³ Para o advogado, cabia aos homens de letras a culpa pelo crime: “O Dr. Gilberto foi vítima, é e será uma vítima da intrigalhada literária.”³⁴ A *Gazeta de Notícias* publicou em 29 de junho de 1916 uma página inteira dedicada ao julgamento. A defesa de Gilberto Amado, promovida por Evaristo de Moraes, é descrita nessa passagem:

²⁸ **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915, p. 5. Cf. TIGRE, Bastos. **Reminiscências**: A alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992, p. 55; MAGALHÃES, Raimundo Júnior. Uma festa que acaba mal. In **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p. 358.

²⁹ PRIORE, Mary Del. **Matar para não morrer**: A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando Assis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

³⁰ **A Noite** (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1916, p. 2.

³¹ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 30 de junho de 1916, p. 4; **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 30 de dezembro de 1916, p. 5; **A Notícia** (Rio de Janeiro), 29/30 de junho de 1916, primeira página.

³² BRASIL (SENADO FEDERAL). **Decreto N. 847? de 11 de outubro de 1890**. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

³³ **A Noite** (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1916, p. 2. Cf. **O Paiz** (Rio de Janeiro), 27 de junho de 1918, p. 4.

³⁴ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1916, p. 3. Na mesma página há outra passagem da defesa: “[sc. Gilberto Amado] Foi um verdadeiro sucesso. O seu impulso na vida literária foi extraordinário e daí começou a inveja que dele tem todos aqueles que se fizeram pelo braço de outros, sem o mínimo valor intelectual.”

Fala o Dr. Evaristo

Entra francamente na privação dos sentidos, devido a uma paixão intensa que emocionou o acusado de tal ordem que o colocou na posição de irresponsável.

Fala da *Patologia das Emoções*, de Charles Feré, que estuda o caso. A condição para a confusão do patológico com o fisiológico, se dá, diz o orador, somente quando há emoção.

O homem perfeitamente normal, mas emotivo, pode sentir os efeitos patológicos.

Que pode ser Gilberto Amado senão um emotivo?

Nascido nas terras ardentes do norte, trazido às lutas da vida aos vinte e poucos anos, com a terrível responsabilidade da família, tão cedo sobre os seus ombros.

Que poderá fazer um homem emotivo, senão viver da arte pela arte e para a arte?³⁵

Gilberto Amado foi absolvido, mas a promotoria recorreu.³⁶ Gilberto Amado, já em liberdade, foi então novamente julgado em 26 de junho de 1918. E novamente ele foi absolvido, dessa vez com cinco votos contra dois.³⁷ Gilberto Amado prosseguiu na vida pública: retornou para a Câmara dos Deputados por dois mandatos; foi senador da República; catedrático de direito penal da Faculdade de Direito de Recife; mais tarde ele se transferiu para a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.³⁸ Gilberto Amado foi também diplomata; embaixador; e diretor da Caixa Econômica Federal. Em 1963 Gilberto Amado tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, posição à qual ele havia concorrido sem sucesso em 1914.³⁹ Em 2013 foi inaugurada uma ponte em sua homenagem no estado de Sergipe.⁴⁰

Nas letras, Gilberto Amado se destacou como memorialista. Publicou cinco volumes de memórias. O episódio de junho de 1915 é lembrado em “Terrível prova”, capítulo 30 do volume intitulado *Presença na Política*, de 1958. Ao contrário dos outros

³⁵ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1916, p. 3.

³⁶ **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), 18 de dezembro de 1916, p. 5.

³⁷ **A Noite** (Rio de Janeiro), 26 de junho de 1918.

³⁸ LINS E SILVA, Evandro. **O Salão dos passos perdidos**: depoimento ao CPDOC / [Entrevistas e notas: Marly Silva da Motta, Verena Alberti ; Edição de texto Dora Rocha]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1997, p. 62. Livro disponível em <http://hdl.handle.net/10438/6737>.

³⁹ AMADO, Gilberto. Terrível prova. In **Presença na Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960 (originalmente publicado em 1958), p. 308. Cf. verbete “Amado, Gilberto”, em **Dicionário Histórico-Biográfico**, publicado pelo CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>.

⁴⁰ **G1 Notícias** (Sergipe): “Dilma Rousseff inaugura a maior ponte sobre rio do Nordeste em SE”, 29 de janeiro de 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2013/01/dilma-rousseff-inaugura-maior-ponte-sobre-rio-do-nordeste-em-se.html>

capítulos desse volume, que seguem uma sequência cronológica com início em 1916, o capítulo “Terrível prova” retorna a um episódio que deveria aparecer no início do livro, se a narrativa linear tivesse sido preservada. Mas o próprio autor explica, nas primeiras linhas do capítulo, sua razão para quebrar a narrativa linear: “Agora um assunto de que, se eu pudesse, não me ocuparia. Triste demais, repugna-me evocá-lo. Quebrei o seguimento cronológico para não abrir o volume com ele”.⁴¹ Ao longo das dezoito páginas de “Terrível prova”, Gilberto Amado, sem mencionar o nome de Annibal Theophilo, narra como reagiu às ofensas e ameaças do poeta: “Imagine-se o horror que começou a pairar na alma do rapazinho que eu era, um menino, intelectualmente superdesenvolvido, sensibilíssimo, mas de uma animalidade febril.”⁴²

Na biografia escrita por Homero Senna, *Gilberto Amado e o Brasil* (1968), o episódio envolvendo os disparos contra Annibal Theophilo não é mencionado.⁴³ O crime é mencionado em uma outra biografia, sobre a vida do escritor João do Rio, escrita por Raimundo Magalhães, da Academia Brasileira de Letras. No capítulo intitulado “Dias de turbulência”, Raimundo Magalhães afirma o seguinte sobre o episódio de 1915: “Gilberto diz que tudo poderia ter imaginado, menos o que naquele dia acontecera. Na verdade, se alguma coisa aconteceu foi por ter sido ele acuado, forçado por circunstâncias imperativas, que não lhe deixaram qualquer alternativa.”⁴⁴

⁴¹ AMADO, Gilberto. Terrível prova. In **Presença na Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960 (originalmente publicado em 1958), p. 308.

⁴² AMADO, Gilberto. Terrível prova. In **Presença na Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960 (originalmente publicado em 1958), p. 316. Para uma cuidadosa análise dos cinco volumes de memórias publicados por Gilberto Amado, consultar CAVALCANTE, Maria Claudia. **Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacôs de si**: Intelectualidade e memória em Gilberto Amado. Campina Grande (PB): Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em História, Dissertação de Mestrado, 2009; e CAVALCANTE, Maria Claudia. Na política e “Depois da política”: considerações a partir da memorialística de Gilberto Amado. **Revista Escrita da História**, vol. 1, n. 2, 2014/2015, p. 82-110.

⁴³ SENNA, Homero. **Gilberto Amado e o Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. Em um outro trabalho sobre Gilberto Amado, Homero Senna faz o seguinte comentário sobre o crime de 1915: “A vítima chamava-se Aníbal Teófilo. Mas vítima do terrível incidente foi também, durante toda a sua vida, o próprio Gilberto, que, beirando 80 anos, fez a Antônio Villaça esta pungente confissão ‘Aquele homem roubou minha solidão’”. O comentário de Homero Senna aparece em uma obra publicada pela Câmara dos Deputados como parte de uma série intitulada “Perfis parlamentares”. Cf. SENNA, Homero. Notícia biográfica. In **Gilberto Amado**. (Perfis parlamentares n. 11). Brasília: Câmara dos Deputados, 1979, p. 22. A omissão da referência ao crime de 1915 na biografia escrita por Homero Senna é também notada por SOUZA, Márcio Ferreira de. Gilberto Amado: a obra memorialística como instrumento de análise metateórica. **Revista Sociedade e Estado** (Brasília), vol. 26, n. 2, 2011, p. 130-131.

⁴⁴ MAGALHÃES, Raimundo Júnior. Dias de Turbulência. In **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, 239. Cf. AMADO, Gilberto. Terrível prova. In **Presença na Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960 (originalmente publicado em 1958), p. 319-20: “Na

Raimundo Magalhães publicou também uma biografia sobre a vida de Olavo Bilac. O crime de 1915 é discutido num capítulo intitulado “Uma festa que acaba mal”. Sua conclusão sobre o incidente, ao final do capítulo, é a seguinte: “Ressentimentos literários e ressentimentos políticos se uniram para influenciar a opinião pública contra o pequeno David amedrontado que abatera um Golias fanfarrão”.⁴⁵ Em 2012 a Fundação Alexandre de Gusmão, subordinada ao Ministério das Relações Exteriores, publicou o texto de uma palestra proferida pelo embaixador José Sette Câmara sobre a vida de Gilberto Amado. O texto se intitula “Gilberto Amado: A hundred years of plenitude”. O texto, porém, não faz nenhuma referência ao crime de 1915.⁴⁶ No livro *Por dentro do Itamaray: Impressões de um diplomata* (2013), de André Amado, o nome de Gilberto Amado é mencionado cinco vezes, mas, também aqui, não há nenhuma referência ao crime de 1915.⁴⁷ Curiosamente, a única publicação editada pela Fundação

linha-de-tiro de estudantes em Pernambuco eu tinha sido excluído por incapacidade de acertar em alvos, pois além de míope era e sou astigmata. Tudo eu pudera imaginar, menos o que aconteceu. Na críspação, no revolvimento interior dos centros da responsabilidade, destruíra-se em mim qualquer possibilidade de ver pensar, sentir. Não via nada. Mas o meu coração, subvertido por sua fúria, via; foi ele, decerto, que pulou da boca da arma para ceifar aquela existência, jogada contra a minha, que nela se precipitou como que obedecendo a uma misteriosa gravitação e a forças obscuras que se apoderaram do seu e do meu destino.”

⁴⁵ MAGALHÃES, Raimundo Júnior. Uma festa que acaba mal. In **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p. 363.

⁴⁶ CÂMARA, José Sette. Gilberto Amado: A hundred years of plenitude. In **Gilberto Amado Memorial Lectures** (Revised and expanded second edition). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (Ministério das Relações Exteriores), 2012, p. 161-176. Em uma outra conferência sobre Gilberto Amado, o mesmo autor afirma o seguinte: “Conviver com Gilberto Amado – um privilégio e que usufruí durante quase vinte anos – significava jamais um momento e monotonia. Seu temperamento vulcânico explodia ao primeiro sinal de provocação. Já entrado em anos, costumava analisar as raízes dessas explosões periódicas. Chegou à conclusão de que seus ataques de violência ocorriam sempre antes de comer e que eram, por conseguinte, o efeito e uma hipoglicemia aguada e passageira. Passou a comer alguma coisa, a tomar uma sopa antes de comparecer a situações que, segundo ele, poderiam pôr em risco a sua paciência. Não sei se o autodiagnóstico era válido. Mas os incidentes rarearam”. Cf. Palestra do Embaixador José Sette Câmara Filho. In SARNEY, José *et alia*. **Gilberto Amado: Centenário**. Coleção Relações Internacionais. Rio de Janeiro e Brasília: José Olympo / Fundação Alexandre de Gusmão (Ministério das Relações Exteriores), 1987, 92 p., com contribuições de José Sarney, José Sette Câmara Filho, Rodrigo Amado, Roberto Campos, e Antônio Augusto Cançado Trindade, p. 24.

⁴⁷ AMADO, André. *Por dentro do Itamaray: Impressões de um diplomata*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (Ministério das Relações Exteriores), 2013, p. 22, 43, 83, 167. Para outros perfis biográficos de Gilberto Amado sem referências ao episódio de 1915, consultar: NAUD, José Santiago. **Gilberto Amado**. In O livro na rua. Série Diplomacia ao alcance de todos, n. 4. Brasília: Thesaurus, 2008, 16 p; GARCIA, Márcio. Gilberto Amado, o jurista. In **Revista de Informação Legislativa** (Brasília), 2000, vol. 37, n. 147, p. 77-88; SARNEY, José *et alia*. **Gilberto Amado: Centenário**. Coleção Relações Internacionais. Rio de Janeiro e Brasília: José Olympo / Fundação Alexandre de Gusmão (Ministério das Relações Exteriores), 1987, 92 p., com contribuições José Sarney, José Sette Câmara Filho, Rodrigo Amado, Roberto Campos, e Antônio Augusto Cançado Trindade.

Alexandre de Gusmão que parece mencionar, ainda que de modo velado, o crime de 1915 é um perfil biográfico de Gilberto Amado escrito sob a forma de literatura de cordel. O texto tem autoria de Crispiniano Neto, e a referência, aparentemente, ocorre no último verso da seguinte passagem:

[59]

Foi Gilberto um homem manso,
Mas também foi agitado.
Nunca levou desaforo
Pra dentro do lar sagrado,
Por isso é que ele foi tanto
Amado quanto odiado!

[60]

No acordo, um lorde inglês,
No agito era um Nabuco;
Às vezes, filósofo sóbrio;
Por vezes, gênio maluco;
Exímio, esgrimindo idéias;
Fatal, usando um trabuco!⁴⁸

Nos relatos biográficos proporcionados por Homero Senna, Raimundo Magalhães, José Sette Câmara, André Amado, e Crispiniano Neto parece haver a tentativa de se dissociar o nome de Gilberto Amado do nome de Annibal Theophilo, ou de se mitigar a responsabilidade do primeiro pela morte do segundo.⁴⁹ Gilberto Amado faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1969.

DIREITO E MEMÓRIA

Embora Annibal Theophilo tenha sido consagrado no meio literário carioca do início do século XX como um dos mais importantes poetas da época, e mesmo tendo contado com o reconhecimento artístico de Olavo Bilac e Coelho Neto, a sua obra hoje permanece desconhecida. A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial também deve ter contribuído para que, a partir de 1916, a atenção das pessoas tenha se voltado

⁴⁸ CRISPINIANO, Neto. **Literatura de Cordel**: Gilberto Amado. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (Ministério das Relações Exteriores), s/d, p. 15.

⁴⁹ Nos últimos dez anos, a referência ao crime de 1915 aparece em dois livros: CRETILLA JÚNIOR, José. O crime de Gilberto Amado. **Crimes e julgamentos famosos**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007; PAULO FILHO, Pedro. O Crime de Gilberto Amado - Evaristo de Moraes. In **Grandes advogados, grandes julgamentos**: No Júri e noutros tribunais. São Paulo: Millenium, 2005, 3ª ed., p. 96-110. O crime é mencionado também em duas uma obra de ficção: LEE, Anna. “O começo do fim”. In **O sorriso da cidade**: Intriga e crime no mundo literário da *belle époque*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

menos para a violência com que Annibal Theophilo fora morto no Rio de Janeiro, e mais para a violência do conflito no continente europeu. Além disso, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial (1918), ocorreu no Brasil a Semana de Arte Moderna (1922), que pretendia justamente romper com o tipo de literatura que encontramos na obra de poetas como Annibal Theophilo, Olavo Bilac e outros autores daquele período. Isso deve ter contribuído ainda mais para que, sem novas edições de *Rimas*, e sem uma edição crítica do material publicado de modo disperso em jornais e revistas após a publicação de *Rimas*, as pessoas que ainda se lembravam de Annibal Theophilo tenham passado a associar o seu nome cada vez mais à tragédia do dia 19 de junho de 1915 na Avenida Rio Branco, e não tanto à produção de uma obra literária relevante para a história cultural do Brasil.

Em 1941 até surgiram planos para a reconstrução da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras. Carvalho Guimarães estava à frente do projeto. Numa entrevista concedida ao *Diário da Noite*, em fevereiro de 1941, Carvalho Guimarães relembra os “vultos” da literatura brasileira que participaram da fundação da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras: Olavo Bilac, Coelho Neto, Annibal Theophilo, etc. Mas o crime na Avenida Rio Branco, porém, não chega a ser mencionado na entrevista. Carvalho Guimarães se limita a comentar que “a guerra de 1914 e outras consequências motivaram a interrupção de nossas atividades, que agora queremos reencetar.”⁵⁰ Foi apenas mais tarde, já no final da década de 1970, que o nome de Annibal Theophilo voltou a aparecer na imprensa ao lado do nome de Gilberto Amado.

Em 17 de setembro de 1979, Arnaldo Rodrigues, neto de Annibal Theophilo, concedeu uma entrevista para o jornal *O Globo*. A matéria, intitulada “A redescoberta de um poeta assassinado”, trata de um livro que Arnaldo Rodrigues havia escrito sobre o avô: *A Vida e a Morte de Annibal Theophilo*.⁵¹ Na entrevista, Arnaldo Rodrigues afirma que o trabalho resultara de vários anos de pesquisa, e que sua intenção era poder reintroduzir a obra de Annibal Theophilo no contexto da literatura brasileira. Arnaldo Rodrigues procura também lembrar as circunstâncias em torno da morte do avô. No dia seguinte à publicação da entrevista de Arnaldo Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade publicou no *Jornal do Brasil* um “conto” bem curto intitulado “Aquele crime”:

⁵⁰ **Diário da Noite** (Rio de Janeiro), 22 de fevereiro de 1941, p. 4.

⁵¹ **O Globo** (Rio de Janeiro), 17 de setembro de 1979, caderno “Cultura”, p. 19.

Aquele crime ficou ignorado longos anos, e, quando se espalhou a notícia, nem o criminoso vivia mais, e todas as testemunhas que possivelmente estariam em condições de esclarecer alguma coisa tinham morrido.

A vítima fora uma pessoa muito amada de todos, mas pensava-se que tivera morte natural. Os papéis encontrados por acaso revelavam entretanto um caso que encheu a todos de estupefação.

Pela primeira vez se positivava a execução de um crime perfeito, mas tão perfeito mesmo, que o autor se decidira a revelá-lo, 50 anos após o delito, naqueles papéis que matematicamente levariam meio século a serem encontrados. Como aconteceu.

Chegou-se a conclusão de que não havia motivo algum para o crime, senão esse de ser tão bem planejado e consumado que ninguém jamais descobriria o criminoso e muito menos o crime, se ele próprio não o concebesse como obra-prima, destinada ao futuro. No fundo, um vaidoso, crente na posteridade.⁵²

Não há nenhuma referência explícita ao episódio de 1915 no texto de Carlos Drummond de Andrade. Gilberto Amado e Carlos Drummond de Andrade eram amigos e, inclusive, trocaram várias cartas, sobretudo ao longo da década de 1960.⁵³ No entanto, não seria implausível supor que “aquele crime”, no título do texto publicado por Carlos Drummond de Andrade no *Jornal do Brasil*, possa talvez ser uma referência ao crime de 1915, lembrado na matéria de *O Globo* do dia anterior.

No mesmo dia em que apareceu o “conto” de Carlos Drummond de Andrade no *Jornal do Brasil*, o jornal *O Globo* publicou uma nova matéria sobre o crime de 1915. Frederico Gilberto Amado, filho de Gilberto Amado, visitara a redação do jornal com o objetivo de “responder às acusações feitas a seu pai”. A reportagem tem como título “O caso Annibal Theophilo: os fatos, segundo o filho de Gilberto Amado”.⁵⁴

No dia 25 de setembro de 1979, portanto uma semana após a publicação da entrevista com Arnaldo Rodrigues, o jornal *O Globo* publica uma nova declaração de Arnaldo Rodrigues, dessa vez uma carta na qual ele afirma não ter sido movido por “sentimento de revolta” em sua pesquisa, ou no texto da entrevista que concedera ao jornal. Tratava-se apenas de narrar a sua própria versão de uma página da história brasileira que, em sua opinião, já parecia esquecida.⁵⁵ A carta, no entanto, não foi suficiente para impedir que um processo fosse movido contra Arnaldo Rodrigues na

⁵² **Jornal do Brasil** (Rio de Janeiro), Caderno B, 18 de setembro de 1979, p. 5. Disponível no arquivo digital online do Jornal do Brasil: <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>

⁵³ Cf. arquivo público da **Fundação Casa de Rui Barbosa** (Rio de Janeiro). Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) - Arquivo Carlos Drummond de Andrade - cartas de Gilberto Amado - código FCRB-AMLB-CDA-Cp-60.

⁵⁴ **O Globo** (Rio de Janeiro), 18 de setembro de 1979, p. 35.

⁵⁵ **O Globo** (Rio de Janeiro), 25 de setembro de 1979, p. 34. Cf. carta de Arnaldo Rodrigues publicada em **O Globo**, em 22 de dezembro de 1979, p. 2.

tentativa de proibir a publicação do livro *A Vida e a Morte de Annibal Theophilo*.⁵⁶ O filho de Gilberto Amado veio a público, em diferentes ocasiões, na seção de cartas do jornal *O Globo*, para justificar a sua decisão de processar o neto de Annibal Theophilo:

Decidi ingressar em Juízo contra Arnaldo Rodrigues, na esfera Criminal, chamando-o a retratar-se, e na esfera Cível com o fim de acautelar a memória de Gilberto Amado quanto a novas descargas de infâmias e de ódios por intermédio de um livro que supostamente teria por tema louvar-se um poeta esquecido.⁵⁷

A defesa de Arnaldo Rodrigues foi feita pelo advogado Sobral Pinto, e a decisão final sobre o caso ocorreu no Supremo Tribunal Federal em 1982, em favor do neto de Annibal Theophilo.⁵⁸ O livro de Arnaldo Rodrigues, porém, jamais foi publicado. O autor, aparentemente, desistiu do projeto.⁵⁹

CONCLUSÃO

⁵⁶ Cf. arquivo público da **Fundação Casa de Rui Barbosa** (Rio de Janeiro). Arquivo Gilberto Amado, Caixa 1, item 9 [dossiê] “gil AMADO, Frederico Gilberto (Caso Arnaldo Rodrigues / O Globo)”. A ação foi movida em 27 de setembro de 1979. O objetivo da ação foi expresso nos seguintes termos: “Através de farto e tendencioso noticiário no jornal O GLOBO, nas edições de 17 e 25 do mês em curso [sc. setembro], o Notificando [sc. Arnaldo Rodrigues], utilizando-se de ignóbil técnica publicitária, pretende publicar o livro A VIDA E A MORTE DE ANNIBAL THEOPHILO, de sua lavra, expediente este que resultaria na injúria e na difamação da memória do pai do Notificante [sc. Frederico Gilberto Amado] [...] Não existe óbice à publicação do livro, desde que ele se restrinja à literatura propriamente dita, ou, até mesmo à crítica literária a GILBERTO AMADO, sem contudo envolver tão respeitável nome na má informação do atual público leitor. Face ao exposto, objetivando reprimir a incontinência do procedimento do Notificando, e acautelando os interesses morais da família de GILBERTO AMADO, vem o Notificante requerer a V. Exa., na forma do art. 867 e sqts. do CPC, formular protesto e requerer a NOTIFICAÇÃO do Spdo. [sc. supracitado] ARNALDO RODRIGUES, no endereço já indicado, para que se abstenha de publicar o mencionado livro – A VIDA E A MORTE DE ANNIBAL THEOPHILO [...]” Este documento, datilografado, xerox, começa com “Exmo. Sr. Juiz de Direito da Vara Civil...”, e é datado em 27 de setembro de 1979.

⁵⁷ **O Globo** (Rio de Janeiro), 1 de abril de 1980, p. 36. Em carta publicada em **O Globo** em 6 de novembro de 1979, p. 38, Frederico Gilberto Amado afirma “ter ingressado em juízo, nas esferas criminal e cível, (imediatamente após a sórdida entrevista de Arnaldo Rodrigues), na defesa da honra e da memória do pai.” Cf. também cartas de Frederico Gilberto Amado publicadas em **O Globo**, em 29 de novembro de 1979, p. 44; e **O Globo**, 29 de dezembro de 1979, p. 2.

⁵⁸ Cf. arquivo público da **Fundação Casa de Rui Barbosa** (Rio de Janeiro). Arquivo Gilberto Amado, Caixa 1, item 9 [dossiê] “gil AMADO, Frederico Gilberto (Caso Arnaldo Rodrigues / O Globo)”. O dossiê contém diversos recortes de jornais relativos ao processo movido contra Arnaldo Rodrigues, e documentos alusivos à defesa feita pelo advogado Sobral Pinto. O dossiê contém também uma carta de Homero Senna, datada 11 de dezembro de 1979, endereçada a Frederico Gilberto Amado, bem como a resposta do segundo ao primeiro.

⁵⁹ A filha de Arnaldo Rodrigues informou ao autor do presente artigo, em maio de 2015, que seu pai teria desistido de publicar o livro *A Vida e a Morte de Annibal Theophilo* após a conclusão do processo movido contra ele, ainda que a decisão final nesse processo tenha sido a seu favor. Mais tarde, a filha de Arnaldo Rodrigues criou um site na internet onde foram disponibilizadas cópias de vários documentos utilizados por Arnaldo Rodrigues em sua própria pesquisa. O endereço do site é <http://annibaltheophilo.weebly.com>

O principal objetivo da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras era contribuir para a profissionalização do trabalho do escritor no Brasil, defendendo os direitos daqueles que vivem da produção e publicação de textos. Mas os membros fundadores da associação não poderiam imaginar na época o árduo percurso que “os homens de letras” ainda teriam pela frente.

Logo após a sua criação, a associação perde um de seus membros fundadores, Annibal Theophilo, por conta de desavenças literárias com Gilberto Amado. Isso acaba precipitando o fim da própria associação. Em outubro de 1915, Olavo Bilac ainda tenta levar adiante o projeto, reunindo-se com um grupo de intelectuais em São Paulo, entre eles Oswaldo de Andrade e Amadeu Amaral. Na reunião em São Paulo, Olavo Bilac explica, inclusive, que o que estava em jogo não era apenas a produção de literatura, mas as próprias condições jurídicas e econômicas para o exercício do trabalho intelectual no Brasil: “Mas não se trata aqui, apenas, de literatura; trata-se, principalmente, da defesa dos interesses materiais e morais, e da defesa de propriedade.”⁶⁰ Contudo, quase sessenta e cinco anos depois, em 1979, os “interesses materiais e morais” dos “homens de letras” permaneciam incertos no Brasil. Incertos, em primeiro lugar, porque em 1979 houve pelo menos a tentativa de se proibir a publicação da biografia de um dos membros fundadores da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras. Em segundo lugar, porque em 1979, segundo dados levantados pela Comissão Nacional da Verdade, cerca de 40 publicações, entre livros e revistas, foram censuradas e retiradas de circulação pelo governo brasileiro.⁶¹

É bem verdade que, com o final do regime militar no Brasil, a censura foi oficialmente extinta. Escrevendo em 1984 sobre a literatura brasileira dessa época, Silviano Santiago afirma que esse foi um importante período para o gradual processo de profissionalização do escritor no Brasil. É nesse período, por exemplo, que surge a figura do agente literário no mercado editorial brasileiro. Com a mediação do agente literário, a relação entre editor e autor deixa de ser “paternalista” para se tornar mais

⁶⁰ **Correio Paulistano** (São Paulo), 11 de outubro de 1915, p. 5. Na reunião, Olavo Bilac leu os artigos iniciais do estatuto da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, incluindo o seguinte: “[artigo 2, alínea b]: a defesa direta dos seus interesses profissionais, econômicos, morais e sociais, quer em juízo, quer fora dele, fazendo as despesas que se tornarem necessárias.”

⁶¹ BRASIL. Censura a publicações. In **Comissão Nacional da Verdade**. Relatório, vol. 2 (Textos temáticos). Brasília, dezembro de 2014, p. 357.

profissional.⁶² No entanto, nem o fim da ditadura militar nem a modernização do mercado editorial brasileiro foram suficientes para impedir que a publicação de biografias de nomes expressivos da cultura nacional tivesse de continuar sendo previamente autorizada pelos próprios biografados, ou por seus representantes legais.⁶³ Foi só bem mais recentemente, em junho de 2015, que essa restrição legal foi finalmente abolida no Brasil. Após uma longa discussão em torno desse tema, a Ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, declarou que a Constituição brasileira proíbe “toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.”⁶⁴ Ironicamente, essa decisão ocorreu no dia 10 de junho de 2015, no mesmo mês, portanto, em que a morte do poeta Annibal Theophilo completou 100 anos.

Foi um longo e árduo percurso para a profissionalização do trabalho de escritor no Brasil, e para o pleno respeito ao ofício daqueles que vivem da produção e publicação dos textos que escrevem.⁶⁵



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 24/01/2016

PARECER DADO EM: 15/04/2016

⁶² SANTIAGO, Silviano. Prosa literária atual no Brasil. In **Nas malhas da letra**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 25.

⁶³ Cf. ARAUJO, Marcelo de. Liberdade de expressão e a questão das biografias não autorizadas no Brasil: a quem pertence a memória nacional?. In: **Revista de Direito e Humanidades** (São Caetano do Sul), n. 25, 2013, p. 1-6.

⁶⁴ BRASIL (STF). “STF afasta exigência prévia de autorização para biografias”. In **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – NOTÍCIAS**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 10 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=293336>

⁶⁵ Pela cuidadosa leitura e pelos comentários e sugestões à primeira versão deste artigo, gostaria de prestar meus agradecimentos a: Amanda Olivo, Jaber Monteiro, Vitor Izecksohn (UFRJ), e Dário Alves Teixeira (UNIRIO), e Gilmar do Nascimento Santos (UERJ).